



CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS ENVOLVENDO POPULAÇÕES TRADICIONAIS À LUZ DA EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO NA REGIÃO OESTE DA BAHIA.

Prudente Pereira de Almeida Neto¹
Alessandro Oliveira Silva²

Resumo: Este trabalho tem como propósito discutir os conflitos socioambientais entre o agronegócio e as populações tradicionais na região oeste da Bahia. Partindo da reflexão da relação 'Ser Humano e Natureza' dos pontos de vista do pensamento científico e chegando aos conflitos derivados do avanço do agronegócio e dos interesses do capital sobre os territórios tradicionais. Com a expansão das fronteiras agrícolas ocorreram várias mudanças na realidade da região oeste da Bahia, tanto em aspectos positivos de investimento em infraestruturas, desenvolvimento econômico, e outros, da mesma forma houve aspectos negativos, como os impactos ambientais derivados do desenvolvimento das atividades agrícolas e expansão das lavouras sobre o Cerrado, a exploração dos recursos hídricos, queimadas, desmatamento, contaminação dos solos e das águas, entre outros, impactando diretamente sobre o modo de vida e a própria sobrevivência de todos moradores da região e em especial, das comunidades tradicionais que habitam o Cerrado. E como arquétipo desse conflito, este trabalho aborda o caso do município de Formosa do Rio Preto, no Oeste da Bahia, com o propósito de evidenciar a realidade em que essas populações tradicionais estão inseridas no cenário cada vez mais ocupado pelas grandes fazendas do agronegócio. Trata-se, a abordagem metodológica deste texto, de um levantamento bibliográfico de documentos, entre estudos e relatórios, assim como de plataformas digitais com finalidades semelhantes.

Palavras-chave: Conflitos socioambientais; Populações tradicionais; Agronegócio; Impactos ambientais.

CONFLICTOS SOCIALES Y AMBIENTALES INVOLUCRANDO A LAS POBLACIONES TRADICIONALES À LUZ DE LA EXPANSIÓN DEL AGROINDUSTRIA EN EL OESTE DE BAHÍA:

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo discutir los conflictos socioambientales entre la agroindustria y las poblaciones tradicionales en la región occidental de Bahía. Partiendo de la reflexión de la relación 'Ser Humano y Naturaleza' desde los puntos de vista del pensamiento científico y llegando a los conflictos derivados del avance de la agroindustria y los intereses del capital sobre los territorios tradicionales. Con la expansión de las fronteras agrícolas, hubo varios cambios en la realidad de la región occidental de Bahía, tanto en aspectos positivos de inversión en infraestructura, desarrollo económico y otros, como en aspectos negativos, como los impactos ambientales. derivadas del desarrollo de actividades agrícolas y expansión de cultivos en el Cerrado, la explotación de recursos hídricos, incendios, deforestación, contaminación de suelos y aguas, entre otros, impactando directamente el modo de vida y la supervivencia misma de todos los habitantes de la región y en particular, de las comunidades tradicionales que habitan el Cerrado. Y como arquetipo de ese conflicto, este trabajo aborda el caso del municipio de Formosa do Rio Preto, en el Oeste de Bahia, con el objetivo de evidenciar la realidad en que estas poblaciones tradicionales se insertan en el escenario cada vez más ocupado por grandes haciendas agroindustriales. Es un levantamiento bibliográfico de documentos, entre estudios e informes relacionados, así como plataformas digitales con fines similares.

¹ Doutor Honoris Causa *Suuma cum Laude* (Conselho Iberoamericano de Lima-PER). Doutor em Educação (UFBA). Mestre em Zootecnia (UFL). Instituição: Universidade Federal do Oeste da Bahia –UFOB. Professor dos Cursos de Graduação em Geografia e Direito e Pesquisador Credenciado ao Programa de Ciências Ambientais – PPGCA, da Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB.

E-mail: prudente@ufob.edu.br

² Bacharel Interdisciplinar em Humanidades e Graduando em Direito pela Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB.

E-mail: alessandro.silva@ufob.edu.br

Palabras clave: Conflictos socioambientales; Poblaciones tradicionales; agroindustria; Impactos ambientales.

INTRODUÇÃO

A expansão do agronegócio ao oeste da Bahia provocou algumas modificações, tanto em questões ambientais como em relação ao desmatamento do cerrado, quanto em quesitos econômicos como o crescimento dos centros urbanos e os investimentos em infraestruturas da região. Elevando uma região de pouca relevância econômica e política, a uma das regiões de maior expressão na produção de grãos.

Consequentemente, o Cerrado nos chapadões que era considerado um solo pobre em nutrientes, inapropriado para plantio em larga escala, atualmente se transformou em áreas de produção agrícola. Sofreu diversas alterações, buscando garantir o estabelecimento das grandes lavouras de algodão, soja e outros grãos com grande nível de produtividade e quantidade. Ainda decorrente dessa expansão agrícola se tornam evidentes os impactos ambientais que afetam não só as dinâmicas ambientais do bioma, mas também, de forma ainda mais feroz, a vida de todos os moradores da região, principalmente a vida de populações tradicionais.

Dos impactos ambientais podemos citar: desmatamento, queimadas, a baixa dos afluentes, a contaminação no solo e nas águas, devido ao agrotóxico. Essas práticas ocorrem em decorrência de aberturas de novas áreas para o plantio, causando modificações no ciclo ecológico e, por conseguinte, degradação e perda da biodiversidade, além de alterações climáticas. Da mesma forma, o uso dos recursos hídricos para irrigação do plantio demonstra um problema derivado do baixo nível em que se encontra cada vez mais os rios da região, além da utilização de agrotóxico que causa problemas, tais como a contaminação do solo e das águas, trazendo prejuízos para as vidas humana e não-humana. São essas algumas das consequências da atividade agrícola na região.

Esses impactos ambientais influenciam na vida de todos, tanto de forma direta quanto indiretamente, como o consumo de alimentos, o clima que se modifica com o tempo, entre outros pontos. Mas, existe uma realidade que é afetada diariamente e diretamente com o agronegócio, que são as populações tradicionais, devido terem seus

territórios desapropriados para a expansão do agronegócio. Os povos tradicionais, são grupos culturalmente diferenciados, pela forma de pensamento e modo de vida e que sobrevivem de forma coletiva e sustentável, em que suas atividades causam poucas alterações no bioma, isso porque suas atividades estão ligadas ao do extrativismo, pesca, agricultura de subsistência, artesanato entre outras práticas de baixo ou nenhum impacto, com base nos conhecimentos tradicionais que são passados de geração em geração, preservando uma identidade, e uma sabedoria dos seus antepassados sobre o Cerrado.

O desenvolvimento humano e das sociedades é baseado em nossa relação entre ser humano e natureza que a muito tempo se tornou uma relação desarmônica, fundada na exploração dos recursos ambientais, de forma predatória que nos direcionou a um status de crise ecológica. E assim como se repete em diversas partes do mundo é evidente na região oeste da Bahia, a degradação ambiental e os conflitos socioambientais da região são um arquétipo do panorama do Cerrado, dos demais biomas brasileiros e de diversas partes do globo.

Dentro desse cenário, buscando um recorte que melhor pudesse exemplificar e evidenciar os aspectos socioambientais da expansão do agronegócio no oeste baiano, o município de Formosa do Rio Preto se destacou em função dos diversos conflitos recentes entre as comunidades tradicionais e o Condomínio Cachoeira Estronda, um grupo de empresas do ramo agrícola que são produtoras de grãos entorno das comunidades tradicionais. Este estudo tem como objetivo evidenciar a realidade em que se inserem essas comunidades frente ao avanço do agronegócio sobre os territórios tradicionais, quanto à garantia de direitos e sobrevivência desses povos.

1. RELAÇÃO DO SER HUMANO COM A NATUREZA

A relação entre o ser humano e a natureza pode hoje ser caracterizada a partir dos problemas ambientais que enfrentamos, as alterações infringidas ao meio ambiente nos últimos anos fizeram com que surgissem questionamentos sobre o conceito de desenvolvimento que adotamos em nossa sociedade, onde o ser humano se vê externo a natureza e o meio ambiente ainda é entendido como fonte de recursos inesgotáveis para a

evolução das sociedades e não como bens, em grande parte, finitos e não renováveis. Podemos destacar diversos discursos que podem ter dado origem aos pensamentos sobre a separação entre ser humano e natureza, um deles é estabelecido pelo o discurso científico. A ciência e a tecnologia se converteram na maior força produtiva e destrutiva da humanidade.³

A história da ciência é repleta de grandes momentos e de vários pensamentos que se estabeleceram por anos, sendo fundamental para construção do conhecimento que formamos atualmente. Como forma de reflexão sobre a relação ser humano e natureza que determinou modelos de desenvolvimento e produção no momento atual é resultado de uma forma de pensamento do período Iluminista. O período do Iluminismo foi um dos grandes marcos para o desenvolvimento da ciência como nós conhecemos hoje, essa nova forma de pensamento transformou a nossa sociedade, tanto em aspectos positivos quanto negativos. É uma mudança atribuída pelo pensamento anterior que se tinha a concepção de Deus no centro do universo no teocentrismo e que passa a ter o homem no antropocentrismo.

Portanto, a ciência se transforma naquele momento em um discurso que trazia consigo a ideia de uma verdade absoluta, pois nesse período que não era clara uma compreensão sobre a natureza e os seus elementos, conseqüentemente era tratado de forma incerta. O desenvolvimento da espécie humana e das suas relações sociais levou a um desenvolvimento científico traduzido em revoluções tanto tecnológicas e científicas quanto industriais que, pouco a pouco foram modificando o cenário da natureza.⁴

Portanto, o entendimento de alguns dos cientistas modernos sobre a natureza se transformou na base para a ciência e a racionalidade da nossa civilização. Galileu Galilei, Francis Bacon e René Descartes, causaram alguns impactos com a concepção da relação entre o ser humano e a natureza, sendo esse um dos problemas que temos hoje. O método de Galileu Galilei é carregado dessa noção de afastamento entre o pesquisador e o objeto e essa concepção se torna uma influência de conhecimento. Ele sugere que a pesquisa deveria se focar em estudar os elementos que seriam essenciais como formas, quantidades,

³ LEFF, E. **Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental**. Olhar de Professor, vol. 14, núm. 2, 2011.

⁴ BRUNO, Flávio Marcelo Rodrigues; MATOS, Raimundo Giovanni França. A proteção ambiental por meio da efetividade das políticas públicas na consolidação da cidadania socioambiental. **Sul-Sul: Revista de Ciências Humanas e Sociais**. n.1. v.1. p.57-81, 2020.

movimentos entre outros, agora características como, som, cor, sabor ou cheiro eram questões subjetivas e que deviam ser ignoradas do domínio da ciência.⁵

Essa percepção é também desenvolvida por Bacon, que produziu o método de pesquisa indutivo, importante para a revolução científica. A partir de Bacon, o objetivo da ciência passou a ser aquele que pode ser usado para dominar e controlar a natureza e, hoje, ciência e tecnologia buscam sobretudo fins profundamente antiecológico.⁶

Descartes é outro importante pensador do período que tem como principal teoria a visão dualista sendo bastante reconhecido pelo método reducionista. Basicamente a metodologia é o estudo das partes que compõem o todo como um grande quebra-cabeça. Na medida em que nos retiramos para nossa mente, esquecemos como “pensar” com nossos corpos de que modo usá-los como agentes do conhecimento. Assim fazendo, também nos desligamos do nosso meio ambiente natural e esquecemos como comungar e cooperar com nossa rica variedade de organismos vivos.⁷

O pensamento acerca da natureza como uma máquina capaz de controlar e modificar sem consequências, em que o homem vê a natureza como um objeto infinito, levou aos diversos impactos ambientais que presenciamos hoje. A visão mecanicista da razão cartesiana converteu-se no princípio constitutivo de uma teoria econômica que predominou sobre os paradigmas organicistas dos processos da vida, legitimando uma falsa ideia de progresso da civilização moderna.⁸

O desligamento dessa relação entre ser humano e a natureza constrói uma realidade despreocupada com as problemáticas ambientais que hoje se vivem em meio de uma crise ecológica que causa um risco para o futuro da vida humana. Exploramos os recursos sem nos preocuparmos com o seu caráter primordial para a existência e sobrevivência da humanidade, seria esse um período crítico para a vida no planeta terra e para o ser humano, estamos vivendo uma época de avanço tecnológico e industrial que ameaça o planeta.⁹

⁵ CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. Editora Cultrix. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo. 1982.

⁶ CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. Editora Cultrix. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo. 1982

⁷ CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. Editora Cultrix. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo. 1982

⁸ LEFF, E. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. 10.ed. Petrópolis - RJ. Editora Vozes. 2013.

⁹ CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. Editora Cultrix. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo. 1982.

Portanto, a degradação ambiental se manifesta como sintoma de uma crise de civilização, marcada pelo modelo de modernidade regido pelo predomínio do desenvolvimento da razão tecnológica sobre a organização da natureza.¹⁰ Dessa maneira, na modernidade essas tendências são cada vez mais agravadas, devido a um capitalismo de ambições que se preocupa mais com o lucro e produtividade do que com a vida.

O momento em que nossa sociedade se encontra, mesmo que grave, ainda pode ser revertido, mesmo que não pareça o interesse principal dos setores públicos e privados. A principal causa do esgotamento de recursos naturais foi sua exploração intensiva com base nos conhecimentos científicos e técnicos que foram criados para o aproveitamento dos recursos nas zonas temperadas do planeta.¹¹ Em consequência das diversas alterações que ocorrem no nosso planeta, houve no século XX, uma conscientização devido a escritores que foram fundamentais para essa virada de pensamento e outro motivo, seria os efeitos já sendo surtidos na vida das pessoas.

A crise ambiental recebe holofotes nos anos 60, refletindo-se na irracionalidade ecológica dos padrões dominantes de produção e consumo, e marcando os limites do crescimento econômico.¹² Em decorrência desse novo pensamento ocorreram diversos movimentos em prol de se ter uma atitude sobre os impactos ao meio ambiente que o ser humano praticou nos últimos anos, e como poderia reverter essa situação crítica de risco a humanidade. A principal autora a alertar sobre essa situação foi Rachel Carson em seu livro *Primavera Silenciosa*, onde aborda de forma simples e clara como os impactos decorrentes do uso do agrotóxico utilizado nas lavouras são um risco para o meio ambiente e sua biodiversidade e ao mesmo tempo um risco a saúde das pessoas que através do consumo tem alimentos envenenados.¹³

Depois da publicação de *A primavera silenciosa*, surgiram vários movimentos políticos de cunho ambiental voltados a encontrar soluções para as problemáticas ligadas ao meio ambiente. Esses movimentos inauguraram uma nova forma de pensamento, dando

¹⁰ LEFF, E. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. 10.ed. Petrópolis - RJ. Editora Vozes. 2013.

¹¹ LEFF, E. **Ecologia, Capital e Cultura: a territorialização da racionalidade ambiental.** Trad: Jorge E. Silva. Rev: Carlos Walter Porto Gonçalves. Petrópolis, RJ: Vozes. 2009.

¹² LEFF, E. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. 10.ed. Petrópolis - RJ. Editora Vozes. 2013.

¹³ CARSON, R. **Primavera Silenciosa.** São Paulo: Editora Gaia, 2010.

mais incentivo a saberes e conhecimentos que antes eram desvalorizados tanto para a ciência, economia, política entre outros, quanto para a sociedade em geral. A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, de 1972 ocorrido em Estocolmo, na Suécia, reuniu 113 países, todas as organizações internacionais existentes da época e cerca de 700 observadores de diversas organizações não governamentais, o que significou um interesse crescente da sociedade civil pela a matéria.¹⁴

A Conferência de Estocolmo foi um marco para o início das políticas de proteção e conservação ambiental, a partir daí essa preocupação vai aos poucos se estabelecendo com propósito de cuidado e proteção desse bem comum, que é o meio ambiente. O segundo momento político que foi fundamental para o amadurecimento do ideal sobre conservação do meio ambiental foi a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro em 1992, conhecida como Eco 92.

A primeira reunião que apresentou em suas negociações rodadas específicas sobre as alterações climáticas, aconteceu em 1992 durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro (ECO-92), que teve como resultado o texto da convenção do clima, assinada e ratificada por 175 países, reconhecendo a necessidade de um esforço global para o enfrentamento das questões climáticas.¹⁵

Outra contribuição importante foi a obra da autora indiana Vandana Shiva, *Monoculturas da Mente no século XX*, em que ela alerta sobre os processos de produção em monocultura, que transforma áreas com grandes diversidades de plantas em um local pobre de biodiversidade, de um plantio de somente uma cultura. Essa situação é desenvolvida devido ao avanço tecnológico no melhoramento de plantas, tornando elas mais resistentes a doenças. A biotecnologia e a revolução genética na agricultura e na indústria florestal ameaçam agravar as tendências a erosão da diversidade e a centralização que começaram com a revolução verde.¹⁶

¹⁴ BRUNO, F, M, R. **AMERICA FIRST**: o Acordo de Paris sobre o combate ao aquecimento global após a Ordem Executiva de Independência Energética de Washington. 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade. PPGD-UFSM, 2017.

¹⁵ BRUNO, F, M, R. **AMERICA FIRST**: o Acordo de Paris sobre o combate ao aquecimento global após a Ordem Executiva de Independência Energética de Washington. 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade. PPGD-UFSM, 2017.

¹⁶ SHIVA, V. **Monoculturas da mente**: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gala, 2003.

Essa problemática trabalhada pela autora pode ser observada na região do oeste da Bahia nas últimas décadas, essa transformação causa hoje um grande impacto ambiental, perda da diversidade de fauna e flora, degradação dos solos, contaminação dos rios, entre outros, que estão presentes na realidade das pessoas.

É possível descrever os povos e comunidades tradicionais como grupos de indivíduos que convivem de forma coletiva, e que trazem consigo um conjunto ancestral de práticas e saberes tradicionais de um modo de vida que concilia o uso e o manejo ambiental de forma sustentável e que mantém os territórios a muito tempo. Um dos critérios mais importantes para definição de culturas ou populações tradicionais, além do modo de vida, é, sem dúvida, o reconhecer-se como pertencente àquele grupo social particular.¹⁷

O Decreto nº 6040/2007 que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, elabora uma definição para os povos tradicionais. Considera-se como Povos e Comunidades Tradicionais grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.¹⁸

São culturalmente diferenciados, com tradições que têm traços em povos quilombolas e indígenas, em suas maneiras de visualizar a sua participação com o meio ambiente e sua relação com o outro. São grupos que preservam sua identidade valorizando suas heranças e ritos culturais de uma grande diversidade e que são passados de geração a geração.¹⁹

Sua relação com a natureza, em muitos casos, é de verdadeiro equilíbrio, e o uso dos recursos naturais só pode ser entendido dentro de uma lógica mais ampla de reprodução social e cultural, distinta da existente na sociedade capitalista.²⁰ Sua relação com a natureza se dá de forma harmônica, com formas que não trazem grandes impactos ao meio ambiente, diferentes de métodos modernos da agricultura que estão baseados no lucro e

¹⁷ DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1993.

¹⁸ BRASIL. **Decreto-lei nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

¹⁹ BARBOSA, Altair Sales. **Cerrado: o laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização**. Cadernos IHUideias, ano 15, n. 257, v. 15, 2017.

²⁰ DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1993.

produtividade. A razão para isso estar interligado com sua valorização do território, sua forma de ver como sua apropriação, o seu lar, e desenvolvendo assim uma identificação.

É possível reconhecer diversas comunidades no Brasil como povos tradicionais, em função de características particulares de costumes em relação ao meio que estão envolvidos, como grupos ribeirinhos que têm aspectos diferenciados das comunidades fundo e fecho de pasto. Mas, de forma geral entre esses grupos, está no modo de suas organizações coletivas e sua preservação de hábitos e conhecimentos. Esses grupos estão também presentes na região do oeste da Bahia, como geraizeiros, quilombolas, povos indígenas, comunidades de fundo e fecho de pasto, entre outros.

Preservam um modo de vida baseado na ocupação coletiva das terras, organizado em vizinhanças, suas atividades estão voltadas à criação de bovinos e outros animais em sistema de pasto nativo, ao extrativismo dos frutos e plantas medicinais do Cerrado.²¹ Na região oeste os grupos vivem mais próximos aos rios, por ser um local estratégico para o uso da água, sendo importante para o consumo próprio, pesca e para criação de animais. Em algumas situações os grupos realizam a produção de artesanatos como forma de comercialização.

Esse modo de vida está sendo afetado nos últimos anos em consequência da expansão do agronegócio no oeste da Bahia, seus territórios tradicionais estão sendo ameaçados pelos interesses de grupos empresariais no setor agrícola, para criação de novas áreas de produção.

2. COMUNIDADES TRADICIONAIS E AGRONEGÓCIO NA REGIÃO OESTE DA BAHIA

Inicialmente, iremos entender o que é território, porque ele implica na dinâmica tanto das comunidades e ao mesmo tempo do grupo de empresas do ramo agrícola. Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *terreo-territor* (terror, aterrorizar), dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do

²¹ ActionAid. **Impactos da expansão do agronegócio no matopiba**: comunidades e meio ambiente. Rio de Janeiro, 2017.

medo, (...). Ao mesmo tempo, por outro lado, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de plenamente usufruí-lo, o território pode inspirar a identificação (positiva) e a efetiva "apropriação". Podemos entender o território com essas duas composições, um de dominação que podemos relacionar com valor da propriedade em um sentido econômico e jurídico, ao mesmo tempo temos por outro lado um território com um entendimento mais simbólico de identidade com aquele local.²²

Portanto, conseguimos entender o território como um local de poder, com relação ao grupo que detém o poder sobre aquele território, em questões de controle e imposição, quanto em questões culturais. O Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político". Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação.²³

O território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações - que é também e, sobretudo, multiplicidade de poderes, neles incorporados através dos múltiplos sujeitos envolvidos (tanto no sentido de quem sujeita quanto de quem é sujeitado, tanto no sentido das lutas hegemônicas quanto das lutas de resistência - pois poder sem resistência, por mínima que seja, não existe).²⁴ Em vista disso, podemos reconhecer esse processo ocorrendo nos conflitos existentes em Formosa do Rio Preto, a existência do grupo hegemônicos que é o grupo de empresas agrícolas, com o agronegócio e ao mesmo tempo o grupo de comunidades tradicionais que resiste os dilemas relacionado ao avanço dos latifúndios sobre os territórios dos grupos de comunidades.

Portanto, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de "funções" quanto na produção de "significados".²⁵ É um aspecto importante pois, território se torna de um ponto de vista, mais funcional para o agronegócio, devido ao projeto técnico e tecnológico, tornando um ambiente que não era totalmente de qualidade para a produção, logo para as comunidades tradicionais, podemos observar tanto o fator funcional, devido ser um local para sua

²² HAESBAERT, R. **Território e Multiterritorialidade**: Um debate. GEOgraphia. Ano IX. Nº 17. 2007.

²³ HAESBAERT, R. **Território e Multiterritorialidade**: Um debate. GEOgraphia. Ano IX. Nº 17. 2007.

²⁴ HAESBAERT, R. **Território e Multiterritorialidade**: Um debate. GEOgraphia. Ano IX. Nº 17. 2007.

²⁵ HAESBAERT, R. **Território e Multiterritorialidade**: Um debate. GEOgraphia. Ano IX. Nº 17. 2007.

sobrevivência seja importante para agricultura de subsistência para aqueles agricultores, ao mesmo tempo que tem a característica identificacional dos significados com maior intensidade em torno do seu território.

Os mecanismos utilizados pelo governo para a expansão da agricultura moderna no Cerrado possibilitaram a territorialização de grandes empresas agropecuárias. Estas, por sua vez, causaram grandes metamorfoses sócio-espaciais, econômicas, políticas, culturais e ambientais, à medida que foram implantados novos sistemas de uso e manejo da terra, baseados na ciência, na tecnologia e na informação, e também novas culturas, como a soja.²⁶

Todas as transformações impactam no modo de vida tradicional, causando assim vários conflitos, em decorrência da resistência dessas comunidades em manter o seu local de origem.

O desenvolvimento do agronegócio aconteceu por meio de novos pacotes tecnológicos e técnicas eficientes para o cultivo e produtividade, consistindo do resultado de um processo que ocorreu na década de 1960. A Revolução Verde é considerada como a difusão de tecnologias agrícolas que permitiram um aumento considerável na produção, sobretudo em países menos desenvolvidos, que ocorreu principalmente entre 1960 e 1970, a partir da modernização das técnicas utilizadas.²⁷ Esse processo, como anteriormente foi claramente citado, modificou a ocupação agrícola no Cerrado do oeste da Bahia.

A partir da década de 1970, somaram-se esforços do Estado e do capital privado para a expansão da fronteira agrícola para as áreas de Cerrado, com o objetivo de consolidar a agricultura moderna nessas áreas.²⁸ Houve um processo de investimentos intensificado para constituição do agronegócio no Cerrado que se expandiram em diversas diversas regiões centrais do Brasil, como Goiás, Minas Gerais, entre outras, até chegar na Bahia.

Um dos principais programas de investimentos para consolidação do agronegócio na região é o Programa Nipo-Brasileiro de Desenvolvimento dos Cerrados (Prodecer), com o

²⁶ MATOS, P, F; PESSOA, V, L, S. **A apropriação do cerrado pelo agronegócio e os novos usos do território.** CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de geografia agrária, v. 9, n. 17, p. 6-26, abr., 2014.

²⁷ OCTAVIANO, C. **Muito além da tecnologia: os impactos da Revolução Verde.** n.120, pp. 0-0. ISSN 1519-7654. ComCiência. 2010.

²⁸ OCTAVIANO, C. **Muito além da tecnologia: os impactos da Revolução Verde.** n.120, pp. 0-0. ISSN 1519-7654. ComCiência. 2010.

objetivo de desenvolvimento regional e aumento da produção de alimentos.²⁹ Esse programa conduziu-se a 3 fases, sendo o Prodecer II que abrangeu a Bahia no ano de 1985.³⁰ Um dos principais interesses do Cerrado em geral é em circunstância das áreas dos chapadões, por serem planas, sem muitos declives e aclives, tornando ideal para o uso de maquinário agrícola e por ser uma região com vários afluentes. Assim, nas áreas de Cerrado, a territorialização do capital trouxe a mecanização da produção e do território, por meio dos avanços do meio técnico-científico informacional, transformou o processo produtivo e mudou completamente a paisagem, principalmente das áreas de chapadas.³¹

Todo esse cenário modificou a região que passou a se tornar cada vez mais destaque na produção de grãos e com altos índices de produtividade. Além de ter uma expansão de áreas com monoculturas de soja, milho, algodão, entre outros. Com a modernização tecnológica da agricultura, consolidam-se as empresas rurais capitalistas. Com isso, a visão de latifúndio passa a ser coisa arcaica, do passado, enquanto a empresa rural moderna é sinônimo de desenvolvimento do campo e também de modernidade.³² É possível encontrar diversas empresas gigantes do setor como a Bunge e a Cargill, atuando na região de forma expressiva. A Bunge e a Cargill estão presentes no Oeste Baiano desde os anos 1990. Representam os maiores empreendimentos industriais da região, movimentando a economia, os fluxos e a geração de empregos no setor.³³ Esse movimento transformou a forma de produção agrícola, que atualmente é retratada na região do Matopiba.

O Matopiba é um acrônimo com as iniciais dos estados de Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, essa região foi criada com o propósito de desenvolvimento agrícola de uma área já com potencial. Considerada a última fronteira agrícola brasileira, é resultante da expansão do agronegócio e do avanço de um modelo de produção altamente mecanizado, amparado

²⁹ KAZUHIRO, Yoshii. Amabilio J. A. de Camargo. Alvaro Luiz Orioli. **Monitoramento ambiental nos projetos agrícolas do Prodecer**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2000.

³⁰ KAZUHIRO, Yoshii. Amabilio J. A. de Camargo. Alvaro Luiz Orioli. **Monitoramento ambiental nos projetos agrícolas do Prodecer**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2000.

³¹ MATOS, P, F; PESSOA, V, L, S. **A apropriação do cerrado pelo agronegócio e os novos usos do território**. CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de geografia agrária, v. 9, n. 17, p. 6-26, abr., 2014.

³² MATOS, P, F; PESSOA, V, L, S. **A apropriação do cerrado pelo agronegócio e os novos usos do território**. CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de geografia agrária, v. 9, n. 17, p. 6-26, abr., 2014.

³³ SANTOS, C. **Difusão do agronegócio e reestruturação urbano-regional no Oeste Baiano**. GeoTextos, vol. 12, n. 1, julho. 2016.

sobre critérios de excelência e competitividade, que faz uso de tecnologias modernas.³⁴ É uma região composta por 337 municípios em uma área de 73,07 milhões de hectares.³⁵

O novo rural que se impõe nos cerrados nordestinos destaca-se pelo uso de meios técnicos modernos que auxiliam a produção agrícola contribuindo para o aumento nos patamares de produtividade.³⁶ Esse novo cenário agrícola transformou a região de forma consistente, tornando-a uma área atraente para novos interesses.

O conflito no município de Formosa do Rio Preto, ocorre envolvendo comunidades tradicionais e o Condomínio Cachoeira Estrondo um grupo empresarial ramo agrícola produtores de *commodities*. De acordo com o documento de conflitos no campo da CPT no ano de 2019, as comunidades de Cachoeira, Cacimbinha, Arroz, Brejo do Tatu, Gatos, Marinheiro, Baixa Funda, Aldeia, estavam entre em conflito com o empreendimento.³⁷

Portanto, temos de um lado, um grupo de produtores com sua agricultura tecnificada e globalizada, além de conter apoio financeiro tanto de setor público e privado e do outro lado, grupos que se denominam como tradicionais, em decorrência de seus costumes, características que envolvem seu modo de viver, na agricultura, no extrativismo, com sua forma de conhecimento que compreende o meio ambiente. A região já era ocupada por comunidades tradicionais, conhecidas como geraizeiros, descendentes de povos indígenas e quilombolas que migraram de outras regiões do Nordeste brasileiro em meados do século XIX e se estabeleceram ali devido à abundância de água e ao isolamento geográfico.³⁸

Esses grupos são descendentes de povos que no passado encontraram naquele local uma condição de sobreviver, em função de ser um território rico em biodiversidade. A relação das populações tradicionais e dos pequenos agricultores com o cerrado revela um

³⁴ BELCHIOR, E. B.; ALCANTARA, P. H. R.; BARBOSA, C. F. **Perspectivas e desafios para a região do Matopiba**. Palmas: Embrapa Pesca e Aquicultura, 2017.

³⁵ BELCHIOR, E. B.; ALCANTARA, P. H. R.; BARBOSA, C. F. **Perspectivas e desafios para a região do Matopiba**. Palmas: Embrapa Pesca e Aquicultura, 2017.

³⁶ ALVES, Vicente Eudes Lemos. **Mobilização e modernização nos cerrados piauienses: formação territorial no império do agronegócio**. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

³⁷ CPT Nacional. **Conflitos no campo: Brasil 2019**. Centro de documentação Dom Tomás Balduino: Coordenação, Antonio Canuto, Cassia Regina da Silva Luz e Paulo César Moreira dos Santos. 2020.

³⁸ Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil. **Populações tradicionais resistem ao crescente modelo do agronegócio no município de Formoso do Rio Preto**. Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ba-populacoes-tradicionais-resistem-ao-crescente-modelo-do-agronegocio-no-municipio-de-formoso-do-rio-preto/>. Acesso em 25/04/2023.

conhecimento íntimo mais diferenciado dos estratos fisionômicos do cerrado.³⁹ Os moradores se adaptaram ao local, sendo propício a esse modo de vida característico dos Geraizeiros, além de outros grupos tradicionais, que através do cerrado consegue sobreviver de forma coletiva e sem causar grandes impactos no meio ambiente.

Consequentemente, a chegada desse modelo de agricultura tecnificada e tecnológica e que traz o discurso científico e um novo modelo de produção, além de grandes extensões de terras, causando assim, mudanças na vida de quem antes já estava ali. Até hoje, o empreendimento na Fazenda Estrondo é um dos territórios mais conflituosos da região oeste da Bahia, em função das inúmeras denúncias de fraudes por meio de práticas de grilagem, crimes ambientais e trabalhistas, envolvendo servidores públicos, empresários, políticos e outros atores sociais que buscavam fortalecer as atividades ligadas ao agronegócio na região⁴⁰

Os discursos de progresso e desenvolvimento do agronegócio constrói a ideia de que os impactos que ocorrem são as consequências da modernização no campo e nos centros urbanos. De um lado, o agronegócio, apoiado com o incentivo ou omissão do Estado e da grande mídia; e, do outro, os camponeses e populações tradicionais, com o apoio de entidades e organizações populares, que resistem ao crescente modelo do agronegócio no Cerrado.⁴¹

Em decorrência da grave situação que estava ocorrendo no município de Formosa do Rio Preto, a Comissão de Direitos Humanos e Minorias, realizou uma audiência pública no dia 30 de outubro de 2019, "Violências contra a comunidade geraizeira de formosa do rio preto (BA)".⁴² A audiência conteve explicações sobre o conflito e a presença de representantes de diversos setores e também com a presença de uma representante da comunidade

³⁹ RIGONATO, V. ALMEIDA, M. **A singularidade do cerrado: a inter-relação das populações tradicionais com as fitofisionomias.** VIII EREGEO. Goiás. 2003.

⁴⁰ Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil. **Populações tradicionais resistem ao crescente modelo do agronegócio no município de Formoso do Rio Preto.** Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ba-populacoes-tradicionais-resistem-ao-crescente-modelo-do-agronegocio-no-municipio-de-formoso-do-rio-preto/>. Acesso em 25/04/2023.

⁴¹ Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil. **Populações tradicionais resistem ao crescente modelo do agronegócio no município de Formoso do Rio Preto.** Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ba-populacoes-tradicionais-resistem-ao-crescente-modelo-do-agronegocio-no-municipio-de-formoso-do-rio-preto/>. Acesso em 25/04/2023.

⁴² Comissão de Direitos Humanos e Minorias. **Violências contra a comunidade geraizeira de formosa do rio preto (BA).** Disponível em: <https://www.camara.leg.br/evento-legislativo/58244>. Acesso em: 25/04/2023.

tradicional. Em um dos relatos a Sra. Dilvanice Alves das Chagas, expressou o cenário em que eles estão vivendo. “Queremos os nossos gerais livres de violências, de guaritas, de homens fortemente armados e de cercas elétricas. Não podemos viver encurralados.”⁴³

Embora as comunidades tradicionais tenham tido direitos afirmados, como a justiça ter garantido a posse de 43 mil hectares⁴⁴, o conflito ainda permanece em um cenário delicado, devido toda a violência física e moral que é praticada contra essas comunidades.

3. COMUNIDADES TRADICIONAIS E AGRONEGÓCIO NA REGIÃO OESTE DA BAHIA

A chegada do agronegócio modificou a região oeste da Bahia. As consequências desse cenário se tornam fundamentais por duas situações importantes, a primeira é em decorrência dos impactos ambientais graves, desmatamento, queimadas intensas, o uso de agrotóxicos na produção, além de outras especificações. O outro determinante é em relação às populações tradicionais, sendo elas grupos com características de conservação e preservação ambiental, por um modo de manejo mais sustentável. Com o agronegócio as comunidades tradicionais foram perdendo os seus espaços e resistem em decorrência de grilagem de terras e violência. Assim, a política de modernização da agricultura brasileira, no caso da produção de soja, transformou a ocupação do Cerrado, a partir dos anos 1970, e aprofundou processos de expropriação, tanto no que diz respeito à expulsão direta de posseiros, agregados das fazendas pecuaristas, como também de indígenas e pequenos produtores que viviam naquela região.⁴⁵

O conhecido mecanismo de grilagem de terras é utilizado em “novas” fronteiras agrícolas para facilitar a atuação de agentes internacionais no mercado local de terras. Este processo intensifica a exploração do trabalho e a violência contra povos indígenas, quilombolas e camponeses. Essa situação também é denunciada na região do Matopiba,

⁴³ Comissão de Direitos Humanos e Minoria. **Violências contra a comunidade geraizeira de formosa do rio preto (BA)**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/evento-legislativo/58244>. Acesso em: 25/04/2023.

⁴⁴ Comissão de Direitos Humanos e Minoria. **Justiça baiana dá posse de 43 mil hectares para famílias de geraizeiros no oeste do estado**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/justica-baiana-da-posse-de-43-hectares-para-familias-de-geraizeiros-no-oeste-do-estado>. Acesso em: 25/04/2023.

⁴⁵ PITTA, F, T. BOECHAT, C, A. MENDONÇA, M, L. **A produção do espaço na região do MATOPIBA: violência, transnacionais imobiliárias agrícolas e capital fictício**. Estudos Internacionais. Belo Horizonte. 2017.

principalmente por comunidades e povos tradicionais que tiveram partes dos territórios grilados. Provocando um cenário de conflitos, em que as comunidades resistem sobre os seus territórios, além de ser a maneira de sobrevivência dessas comunidades, o lugar está interligado à afetividade desses povos.

Assim, o sentido de lugar, ligado à afetividade do ser humano para com o espaço vivido e aliado ao diálogo enquanto ato de criação, atribui à ação política, condições viáveis de ser construída dentro de princípios e diretrizes de vida social sadia.⁴⁶

São danos socioambientais que causam diversos conflitos em municípios da região oeste da Bahia, tanto em relação à terra, quanto conflitos relacionados à água, como no caso do município de Correntina, em que populações se revoltaram com a situação que estava se estabelecendo, como consta nos dados da CPT.⁴⁷ A consolidação da agricultura moderna causou graves danos sociais e ambientais, evidentes, como a concentração de terra e renda, a precarização do trabalho, deslocamento da força produtiva do campo para as cidades e, também, destruição e contaminação do meio ambiente. Ou seja, a modernização foi uma falsa imagem de progresso, um mito, produto do discurso de desenvolvimento rural.

A construção desse discurso de desenvolvimento acima de tudo, traz à tona que os direitos dessas famílias em ter sua forma de vida preservada está abaixo do lucro dessas empresas agrícolas e do Estado Brasileiro. A principal luta dessas comunidades é pela preservação de seus territórios, que são ameaçados pela expropriação por parte das grandes fazendas, com o apoio da pistolagem e do aparato do Estado.⁴⁸

O objetivo da pesquisa está apoiada na compreensão sobre esse cenário em que se encontram as comunidades e os seus territórios, portanto foi selecionado o município de Formosa do Rio Preto, por ser uma região com diversos registros de conflitos socioambientais, entre comunidades tradicionais e grupos de empresas do agronegócio, além de relatos sobre violência que essas povos vem sofrendo. O estudo dessa realidade do oeste da Bahia, se torna fundamental para garantir o direito dessas populações e por

⁴⁶ SANTOS, M; PROST, C. **Geografia, ação política e gestão de territórios tradicionais**. Revista de Geografia Agrária. 2018.

⁴⁷ CPT Nacional. **Conflitos no campo: Brasil 2018**. Centro de documentação Dom Tomás Balduino: Coordenação, Antonio Canuto, Cassia Regina da Silva Luz e Paulo César Moreira dos Santos. 2019.

⁴⁸ ActionAid. **Impactos da expansão do agronegócio no Matopiba: comunidades e meio ambiente**. Rio de Janeiro, 2017.

desenvolver conhecimento sobre essa situação que acaba sendo pouco visível pela a população.

A região do Oeste da Bahia é caracterizada como uma área de abrangência do bioma Cerrado, segundo maior bioma do Brasil, somente ficando atrás da Amazônia. Considerado savana brasileira, o bioma é reconhecido pela sua biodiversidade, tanto de fauna e flora, quanto em recursos hídricos, que a tornam uma região de extrema importância de preservação. O Cerrado compreende um mosaico de várias fitofisionomias, como os campos e as matas de galeria entre o Cerrado *stricto sensu* e *lato sensu*, essa extraordinária riqueza é resultante da variedade de solos, de sua topografia e de climas favoráveis que se estendem pelo Brasil central.⁴⁹

A paisagem vasta dos chapadões do Cerrado foi substituída e transformada em uma imagem homogênea tomada por commodities de soja, milho, algodão, entre outros. No início do processo de consolidação da agricultura moderna no Cerrado foram fundamentais as ações governamentais de investir em pesquisas para obtenção de tecnologia, principalmente as inovações físico-químicas para fazer o melhoramento dos solos, para adequá-los às novas demandas do capital, que eram representadas pelas commodities.⁵⁰

A ocupação da produção agrícola no Brasil, se deu em função de um processo conhecido como revolução verde, que contribuiu para a modificações no meio rural. Neste sentido, o Cerrado baiano foi modificado em pretexto do desenvolvimento agrícola com o uso de tecnologia, que produz plantas mais resistentes, melhoramento do solo e entre outras técnicas. A década de 1970 é um período de especial importância para a formação das características produtivas atuais do campo brasileiro, na medida em que houve naquele momento novas conjunturas econômicas, externas e internas, favoráveis à expansão agrícola moderna.⁵¹

A produtividade foi derivada de investimento em ciência e tecnologia, para que um ambiente em solo irregular se transformasse hoje em uma das principais produtoras

⁴⁹ ActionAid. **Impactos da expansão do agronegócio no Matopiba:** comunidades e meio ambiente. Rio de Janeiro, 2017.

⁵⁰ MATOS, P, F; PESSOA, V, L, S. **A apropriação do cerrado pelo agronegócio e os novos usos do território.** CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de geografia agrária, v. 9, n. 17, p. 6-26, abr., 2014.

⁵¹ ALVES, Vicente Eudes Lemos. **Mobilização e modernização nos cerrados piauienses:** formação territorial no império do agronegócio. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

agrícolas do país. Nesse sentido, a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e outras empresas privadas tiveram uma atuação preponderante no processo de colocar as terras do Cerrado para produzir diversas culturas exóticas em grande escala e para aumentar e modificar a produção de culturas tradicionais, como o milho.⁵²

De região de pouca expressão econômica sustentada na pecuária extensiva e na agricultura de subsistência, transforma-se, a partir do final da década de 1970, em produtor de mercadorias agrícolas, destacadamente de grãos.⁵³ Todas essas alterações se refletem também em questões econômicas da região, passando de um local pouco assistido do ponto de vista financeiro de setores privados e públicos.

Os números da produção agrícola regional não foram os únicos avanços da expansão das fronteiras agrícolas sobre o Cerrado, houveram avanços nos centros urbanos, na infraestrutura, dando origem a novos pólos urbanos. O Oeste Baiano representa hoje, em termos de Nordeste, uma das principais áreas de produção agrícola moderna, sobretudo de grãos, destaque principal para a soja, principalmente o setor polarizado pelos municípios de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães (Bahia).⁵⁴

Há ainda outras consequências do mais recente processo de ocupação agrícola no Oeste da Bahia, o chamado desenvolvimento econômico e os números cada vez maiores mascaram o outro lado dos avanços do agronegócio e polarização econômica, as desigualdades, sociais, políticas, econômicas e de direitos que afetam tanto o urbano quanto o rural, este último, foco deste estudo, é observável nos diversos conflitos socioambientais entre os interesses e iniciativas do agronegócio e as comunidades tradicionais da Região Oeste da Bahia.

É evidente que com a chegada do agronegócio no município de Formosa do Rio Preto ocorreram mudanças circunstanciais em diversos aspectos, sendo um fator determinante para a região. Portanto, como forma de observar esse processo, utilizamos a plataforma digital MapBiomas, uma iniciativa que tem como propósito evidenciar através dos mapas

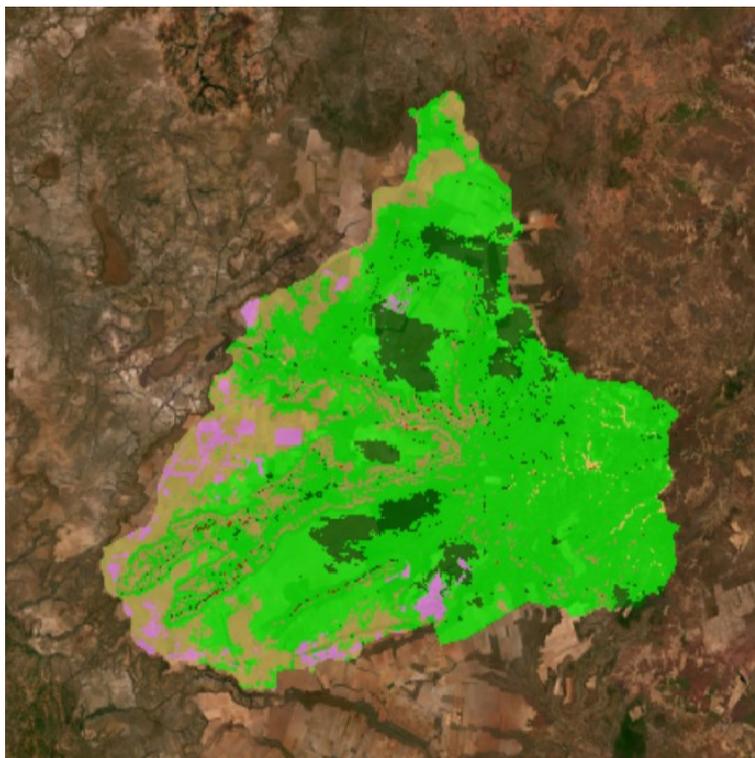
⁵² MATOS, P, F; PESSOA, V, L, S. **A apropriação do cerrado pelo agronegócio e os novos usos do território.** CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de geografia agrária, v. 9, n. 17, p. 6-26, abr., 2014.

⁵³ ALVES, Vicente Eudes Lemos. **Mobilização e modernização nos cerrados piauienses: formação territorial no império do agronegócio.** Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

⁵⁴ SANTOS, C. **Difusão do agronegócio e reestruturação urbano-regional no Oeste Baiano.** GeoTextos, vol. 12, n. 1, julho. 2016.

noções referentes a impactos ambientais, como desmatamento, cicatrizes do fogo, alterações na cobertura vegetal, além de outros aspectos. A plataforma apresenta dados referentes desde 1985 até o ano de 2019.

Figura 1 - Imagem retirada do mapa do município de Formosa do Rio Preto



(MAPBIOMAS, 1985).

Neste momento, podemos fazer uma análise da seguinte forma, decorrendo da compreensão de que o agronegócio estava em fase de implementação na região baiana principalmente no município de Formosa do Rio Preto, que teve investimentos atribuídos pelo Prodecer II no ano de 1985.⁵⁵

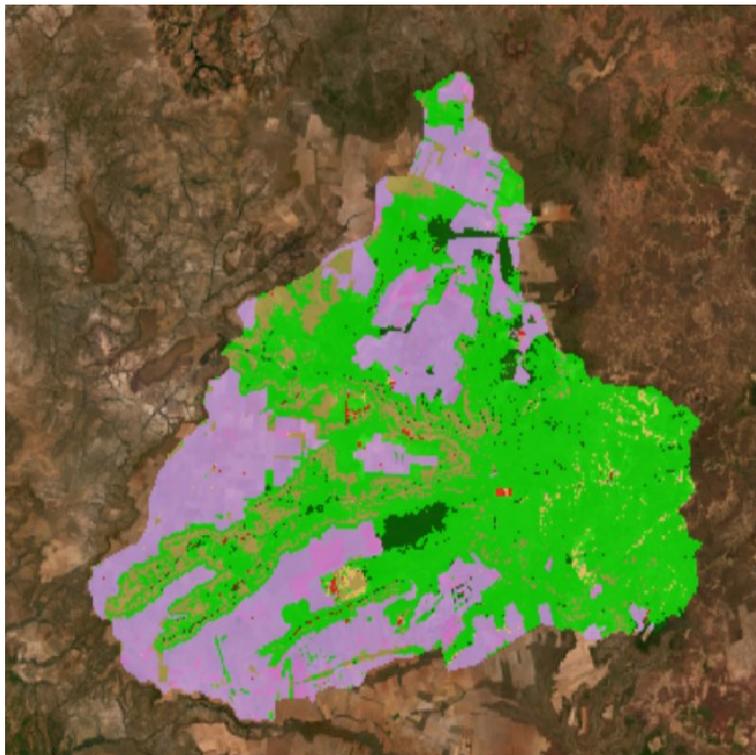
Os primeiros grupos chegaram na área no final da década de 1970, mas esse movimento se consolidou mesmo nos anos 1980.⁵⁶ Em razão disso podemos ter uma noção

⁵⁵ KAZUHIRO, Yoshii. Amabilio J. A. de Camargo. Alvaro Luiz Orioli. **Monitoramento ambiental nos projetos agrícolas do Prodecer**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2000.

⁵⁶ ALVES, Vicente Eudes Lemos. **Mobilização e modernização nos cerrados piauienses: formação territorial no império do agronegócio**. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

de uma região ainda sem grandes investimentos no agronegócio exportador que se constituiu nos dias de hoje.

Figura 2 - Imagem retirada do mapa de cobertura do município de Formosa do Rio Preto,

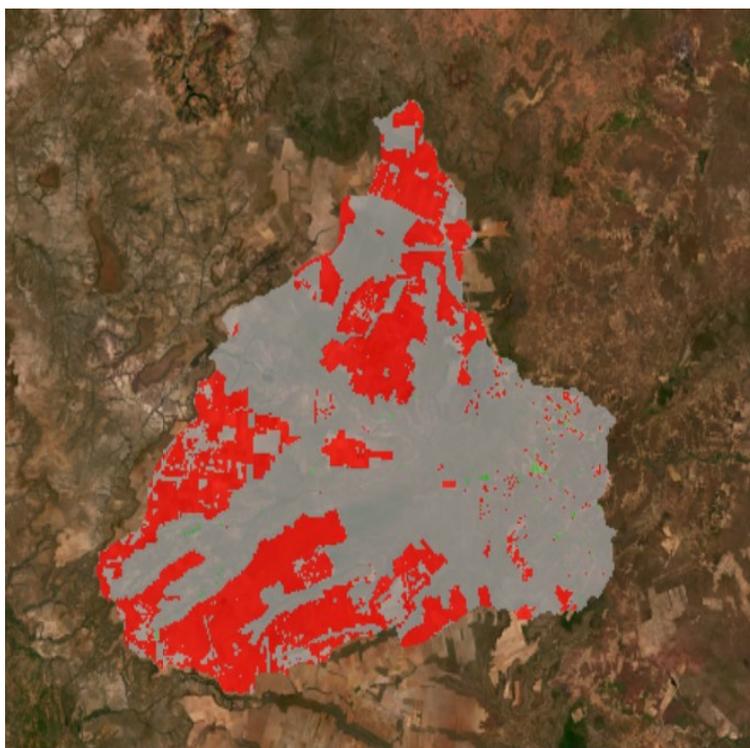


(MAPBIOMAS, 2019).

A figura 2 é referente ao ano de 2019, sendo portanto um momento atual das alterações sofridas no município decorrente da sua cobertura natural. É evidente as alterações que ocorreram, não podemos concretizar que todas essas alterações são derivadas do agronegócio, mas que seria um fator predominante para essas ações no município. No ano de 2019, o município teve 403.108 ha de área plantada de soja e ficando em segundo lugar o algodão com 48.421 ha de área plantada.⁵⁷ Portanto, com esses dados, podemos compreender o agronegócio como um grande influenciador do município.

⁵⁷ IBGE, Produção Agrícola Municipal 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2020

Figura 3 - Imagem retirada do mapa de transição do município de Formosa do Rio Preto



(MAPBIOMAS, 1985 a 2019).

Como forma visualizar melhor as transformações ocorridas no município, o mapa de transição demonstra de forma explícita as áreas que tiveram mudanças desde do período de 1985 a 2019 e de forma objetiva. Em razão disso, tornam-se visíveis as modificações que ocorreram no município com a chegada do agronegócio, veja-se, por exemplo, o PIB do município, que, em 2018, alcançou R\$ 106.481,34⁵⁸, o que reflete os motivos do grande interesse nessa produção, mas que também suporta uma problemática ambiental e social, decorrente do desmatamento. Segundo o relatório anual de desmatamento do Mapbiomas,

⁵⁸ **PIB per capita:** IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA.

o município de Formosa do Rio Preto, se encontra em décimo quinto, entre os municípios que mais desmataram entre o ano de 2019 e 2020.⁵⁹

A mudança de cobertura vegetal no cerrado para a produção de soja ocasionou modificações na vida camponesa, relevantes pela a retirada dos recursos naturais para essas comunidades e devido ao desmatamento, causando a diminuição das águas provocando uma crise ecológica.⁶⁰ Os impactos ambientais dessa prática de produção agrícola se tornam relevantes para o questionamento sobre os direitos dessas comunidades em ter o seu modo de vida preservado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta pesquisa é centrada numa abordagem transdisciplinar, que considera o ser humano e sua relação com a natureza em todas as suas dimensões. Para a consecução dos objetivos da presente pesquisa pretendeu-se, numa perspectiva dialética, realizar uma investigação crítica do tipo jurídico-compreensiva. Durante a pesquisa foi adotado como método de procedimento de debate e publicação de resultados de maneira parcial, o qual se dedica à descrição minuciosa de teorias do pensamento jurídico, aplicadas às distintas realidades locais que exprimem as sociedades tradicionais do bioma do cerrado baiano. Possui natureza aplicada, de objetivo explicativo, com procedimentos de pesquisa de campo, levantamento de dados, consubstanciado com ações etnometodológicas. As técnicas de pesquisa utilizadas foram a bibliográfica, a documental e a análise de caso, com eventualidade de afirmação das bases teóricas a partir da análise da legislação internacional pertinente, sua previsão no ordenamento jurídico interno e do direito comparado.

O trabalho abordou a relação entre o ser humano e a natureza, demonstrou os reflexos constitucionais na Carta Magna de 1988, o avanço do debate sobre o Direito Socioambiental e a dimensão deste paradigma para a proteção das sociedades tradicionais. Reiterando-se a necessidade de esclarecer a comunidade regional do oeste da Bahia sobre

⁵⁹ MapBiomas. **Relatório Anual do Desmatamento no Brasil 2020**. São Paulo, Brasil. 2021.

⁶⁰ ALVES, Vicente Eudes Lemos. **Mobilização e modernização nos cerrados piauienses: formação territorial no império do agronegócio**. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

as sociedades e saberes tradicionais do bioma do cerrado local. Compreendendo os povos e suas culturas, o envolvimento socioambiental, as perspectivas jurídicas, agroecológicas e as inúmeras dimensões do desenvolvimento sustentável que se estão no entorno do próprio desenvolvimento do direito das sociedades tradicionais desta região. Com o objetivo específico de tornar realidade as perspectivas de promoção e proteção do direito socioambiental e do desenvolvimento sustentável na região do oeste baiano, sobretudo às sociedades tradicionais locais.

Diante dos aspectos e realidades expostos neste estudo, fica clara a relação antagônica entre o atual modelo de expansão agrícola e a sobrevivência e permanência das comunidades tradicionais do Cerrado. O caso do município de Formosa do Rio Preto, aqui utilizado como amostra mínima dos conflitos socioambientais decorrentes da arquétipo do faminto agronegócio, demonstra não só a laceração da biodiversidade e dos bens naturais do bioma Cerrado, mas também a ferocidade com que avança sobre os povos e comunidades tradicionais, que em sua maioria buscam, mantêm e protegem práticas sustentáveis de manejo e gestão das riquezas naturais e culturais desse que é um dos mais ricos ecossistemas do mundo.

São essas populações portadoras de práticas harmoniosas construídas com base nos saberes populares e na convivência direta com as diversas faces do Cerrado, e como observado no caso de Formosa do Rio Preto, ameaçadas e privadas de seus direitos fundamentais de ir e vir, saúde, bem estar e de manter e desenvolver seus modos de vida tradicionais. Portanto, podemos entender duas concepções da relação ser humano e natureza que está demonstrado na região, uma que visa a produção, o crescimento econômico acima de outros aspectos do desenvolvimento humano e uma outra visão, que entende que as riquezas deste bioma não são recursos inesgotáveis para o capital, mas bens comuns que devem ser respeitados e zelados, visão esta que luta pela garantia dos direitos de manter suas tradições, seus territórios e a própria vida.

REFERÊNCIAS

ALVES, Vicente Eudes Lemos. **Mobilização e modernização nos cerrados piauienses: formação territorial no império do agronegócio**. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

BARBOSA, Altair Sales. **Cerrado: o laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização**. Cadernos IHUideias, ano 15, n. 257, v. 15, 2017.

BELCHIOR, E. B.; ALCANTARA, P. H. R.; BARBOSA, C. F. **Perspectivas e desafios para a região do Matopiba**. Palmas: Embrapa Pesca e Aquicultura, 2017.

BRASIL. **Decreto-lei nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

BRUNO, Flávio Marcelo Rodrigues; MATOS, Raimundo Giovanni França. A proteção ambiental por meio da efetividade das políticas públicas na consolidação da cidadania socioambiental. **Sul-Sul: Revista de Ciências Humanas e Sociais**. n.1. v.1. p.57-81, 2020.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. Editora Cultrix. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo. 1982.

CARSON, R. **Primavera Silenciosa**. São Paulo: Editora Gaia, 2010.

Comissão de Direitos Humanos e Minoria. **Violências contra a comunidade grazeira de formosa do rio preto (BA)**. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/evento-legislativo/58244>. Acesso em: 25/04/2023.

COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS E MINORIA. **Justiça baiana dá posse de 43 mil hectares para famílias de grazeiros no oeste do estado**. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/justica-baiana-da-posse-de-43-hectares-para-familias-de-grazeiros-no-oeste-do-estado>. Acesso em: 25/04/2023.

CPT Nacional. **Conflitos no campo: Brasil 2018**. Centro de documentação Dom Tomás Balduino: Coordenação, Antonio Canuto, Cassia Regina da Silva Luz e Paulo César Moreira dos Santos. 2019.

CPT Nacional. **Conflitos no campo: Brasil 2019**. Centro de documentação Dom Tomás Balduino: Coordenação, Antonio Canuto, Cassia Regina da Silva Luz e Paulo César Moreira dos Santos. 2020.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1993.

IBGE, **Produção Agrícola Municipal 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

KAZUHIRO, Yoshii. Amabilio J. A. de Camargo. Alvaro Luiz Orioli. **Monitoramento ambiental nos projetos agrícolas do Prodecet**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2000.

LEFF, E. **Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental**. Olhar de Professor, vol. 14, núm. 2, 2011.

LEFF, E. **Ecologia, Capital e Cultura: a territorialização da racionalidade ambiental**. Trad: Jorge E. Silva. Rev: Carlos Walter Porto Gonçalves. Petrópolis, RJ: Vozes. 2009.

LEFF, E. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. 10.ed. Petrópolis - RJ. Editora Vozes. 2013.

HAESBAERT, R. **Território e Multiterritorialidade: Um debate.** GEOgraphia. Ano IX. Nº 17. 2007.

MAPBIOMAS. **Relatório Anual do Desmatamento no Brasil 2020.** São Paulo, Brasil. 2021.

MAPA DE CONFLITOS ENVOLVENDO INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE NO BRASIL. **Populações tradicionais resistem ao crescente modelo do agronegócio no município de Formoso do Rio Preto.** Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ba-populacoes-tradicionais-resistem-ao-crescente-modelo-do-agronegocio-no-municipio-de-formoso-do-rio-preto/>. Acesso em 25/04/2023.

MATOS, P, F. PESSOA, V, L, S. **A apropriação do cerrado pelo agronegócio e os novos usos do território.** CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de geografia agrária, v. 9, n. 17, p. 6-26, abr., 2014.

OCTAVIANO, C. **Muito além da tecnologia: os impactos da Revolução Verde.** n.120, pp. 0-0. ISSN 1519-7654. ComCiência. 2010.

PIB per capita: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA.

PITTA, F, T. BOECHAT, C, A. MENDONÇA, M, L. **A produção do espaço na região do MATOPIBA:** violência, transnacionais imobiliárias agrícolas e capital fictício. Estudos Internacionais. Belo Horizonte. 2017.

RIGONATO, V. ALMEIDA, M.. **A singularidade do cerrado:** a inter-relação das populações tradicionais com as fitofisionomias. VIII EREGEO. Goiás. 2003.

SANTOS, M. PROST, C. **Geografia, ação política e gestão de territórios tradicionais.** Revista de Geografia Agrária. 2018.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente:** perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gala, 2003.